

RESENHA

RAGO, M. *Os Prazeres da Noite*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

Eliete de Queiroz Gurjão*

Este é um livro de história !?

A exemplo de seu livro anterior, “Do cabaré ao lar”, este denuncia, logo no seu título, a opção da autora pela chamada *nova história*. Considerando a existência de uma multiplicidade de *novas histórias* vale salientar o enfoque e o aspecto qualitativo do trabalho em foco.

Com base na mudança paradigmática que vem ocorrendo no campo do conhecimento e, particularmente, entre as ciências sociais, *pari passu* ao processo histórico marcado pelas profundas crises ocorridas no mundo ocidental no século XX, questiona-se a tradicional historiografia fundamentada no paradigma positivista, racionalista e determinista que não mais atende às inquietações e questionamentos postos pela história contemporânea. A *nova história* surge como alternativa alargando as fronteiras do campo de pesquisa permitindo novas abordagens, incluindo novos objetos e ampliando as fontes de pesquisa. Por conseguinte, o historiador não mais se limita aos temas já consagrados ou considerados relevantes, amplia seus horizontes, elege temas antes excluídos, novos níveis de abordagem e novas fontes que apontam para novos caminhos e viabilizam o estudo de temas inéditos, incluindo

aqueles considerados marginais pela historiografia tradicional. É aí que a autora se situa, enfocando um tema não só tido como “marginal”, mais ainda, preconcebido como “tabu”. Ousada e eficientemente, a autora penetrou no mundo nebuloso da prostituição, investigou suas “entranhas” e, ao mesmo tempo, analisou seus liames com o contexto do período (1890-1930) estudado. Considerando a escassez e limitações da documentação disponível, concentrou seu estudo na análise do discurso “nas representações mitológicas do imaginário do submundo” (p. 19). Utilizou vasta bibliografia analisando-a criticamente, mostrando seus alcances e limites. Usou a literatura da época como fonte, como supridora de informações e reveladora de formas de sentir e pensar, permitindo-lhe assim o desvendamento do interior do mundo da prostituição.

Questionando os mitos que caracterizam a imagem do mundo da prostituição, as concepções que tratam-na como “objeto natural”, como simples continuidade de um fenômeno que sempre existiu, a autora aponta para sua singularidade. Critica o conceito de prostituição construído no século XIX,

*Historiadora e Professora de História da Universidade Estadual da Paraíba

com base em referências médico-policiais, pleno do moralismo, da repugnância e rejeição que juntos, estigmatizam-na, caracterizando-a como patologia, como criminalidade. Para ela a prostituição “[...] inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, em todo um sistema de codificações morais [...]” (p. 23). Daí a positividade e singularidade da prostituição no contexto dessa sociedade. Sobre esse aspecto a autora prioriza as seguintes questões: as funções do “comércio amoroso” para a sociedade paulista do início do século, a resistência, ampliação e especialização das práticas licenciosas, apesar das campanhas em contrário e, as gratificações trazidas pelo “mundo do prazer e do crime” que o caracteriza, contraditoriamente, como “fascinante e assustador”.

Seguindo caminhos e trilhas, muitas vezes tortuosas, a autora consegue penetrar nos esconderijos e subterfúgios do discurso científico acerca da prostituição, desvenda a construção dos mitos, discorre sobre as práticas e desdobramentos das “atividades licenciosas” e decodifica as imagens construídas e internalizadas pela sociedade. Nesse trajeto, tendo seu campo de visão alargado pelas perspectivas teórico-metodológicas já assinaladas, discute a questão da sexualidade da mulher, sua disciplinarização, seu controle, enfim. Consegue, então, assinalar o liame entre a construção da identidade da prostituta e a repressão da sexualidade feminina. Neste sentido, demonstra como as prescrições morais que fundamentam a conduta sexual da mulher codificadas com base, sobretudo, no aspecto da imagem da prostituta acabaram por sujeitar a sexualidade da mulher ao poder masculino, conforme afirma a autora: “[...] construir masculinamente a identidade da prostituta significou

silenciá-la e estigmatizá-la e ao mesmo tempo, defende-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina.” (p. 21).

No primeiro capítulo, denominado “brilhos”, a autora analisa o processo de crescimento da prostituição em São Paulo, em consonância com o desenvolvimento urbano-industrial do início do século. Neste, desfilam cenas e personagens novos como as “cortesãs”, prostitutas estrangeiras que, ao mesmo tempo, escandalizavam e deslumbravam a sociedade provinciana. Mostra as modificações que se operam na paisagem urbana, sobretudo no centro da cidade, onde hotéis de luxo substituíam velhos casarões e novas obras “empurravam” o meretrício para a periferia, onde “pensões alegres” constituíam uma “geografia do prazer” num espaço diferenciado, segregando-se, assim, as prostitutas. Simultaneamente, emerge uma profusão de equipamentos, livros, filmes, revistas, shows de dança, etc., uma “cultura erótica” em expansão contínua.

Ao lado do cuidado pela diferenciação do espaço físico, opera-se o reforçamento da imagem negativa da prostituta. O crescimento da prostituição é apontado como “o lado negativo do progresso” e a prostituta é vista como um verdadeiro “fantasma”. Para a autora, esta imagem constitui um “[...] contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina.” (p. 40). Institui-se, assim, fronteiras representadas por códigos de moralidade, hábitos, costumes que não podem ser transgredidos pela “moça respeitável”, pela “mulher honesta” que se contrapõe à “mulher da vida”.

Ainda neste capítulo, a autora se debruça de forma intensiva sobre questões relativas à posição social da mulher e mostra o percurso e limites do incipiente feminismo da época. Destaca o período em

estudo como fundamental para o entendimento da condição feminina, ocorrendo então a redefinição da prostituição “ [...]como parâmetro de limite para o comportamento feminino no espaço urbano.” (p. 54) e a passagem da imagem da “mulher passiva e ociosa” para a de consumidora fértil” no contexto das transformações da vida urbana.

O 2º capítulo, com o título “opacidades”, tem como enfoque as formas, instrumentos e condições utilizadas na construção da imagem da prostituição como fantasma. Explicita como a preocupação com a moralidade pública e a imposição de códigos de conduta forjaram a referida imagem. Com base na produção científica disponível, a autora analisa cuidadosamente as teses positivistas e evolucionistas e mostra sua utilização para consubstanciar a imagem espectral da prostituta, ao mesmo tempo em que induzia a sujeição da mulher cuja imagem polarizada separava, de um lado, a “mulher da vida”, e de outro, “a rainha do lar”. Sustentando a superioridade masculina, pensadores da época, como Cesare Lombroso, classificam a prostituta como “degenerada nata” a que se contrapõe a “mulher normal”, defendendo, assim, a tese de que a prostituição equivale à criminalidade.

Não obstante toda carga de negatividade em que se recobriu a prostituição, comprova-se o crescimento desta e a diversificação de suas práticas. Neste aspecto, a autora chama a atenção para o fato de

que o imaginário popular, diferentemente do discurso dos doutores, associa a prostituição muito mais ao pecado do que à doença ou criminalidade.

No 3º capítulo, “Labirintos”, a autora estuda o cotidiano dos bordéis. Através da leitura de romances da época, faz uma verdadeira incursão no mundo da prostituição, resgatando seus códigos de funcionamento, as relações, a violência que a acompanha, mostrando também como se evidencia, nesse espaço, a desigualdade entre os sexos e a opressão da mulher.

No último capítulo “Dramatugas”, a temática assume outra projeção, enveredando na pesquisa do “tráfico de escravas brancas”. Observa-se, assim, como a imigração de mão-de-obra foi acompanhada de um tráfico de mulheres, empreendido por verdadeiras gangues de *caftens* europeus que recrutavam prostitutas, na maioria jovens, para prostíbulos da América do Sul.

Trata-se, portanto, de um trabalho sério e comprometido do ponto de vista epistemológico com a história dos excluídos, com a história da mulher e especialmente da mulher prostituta, preenchendo uma lacuna nesse campo de pesquisa e enriquecendo-o com nova abordagem criativa, inventiva, cujo mérito se completa com o eficiente tratamento metodológico que permitiu à autora trabalhar uma temática inédita e difícil, de forma competente.